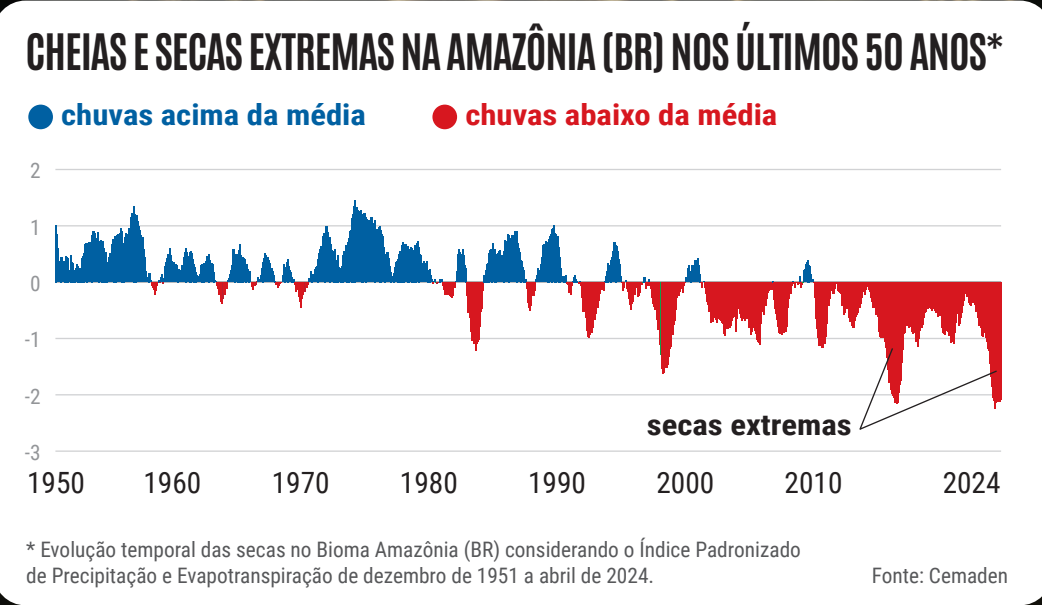


# IMPACTOS DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO

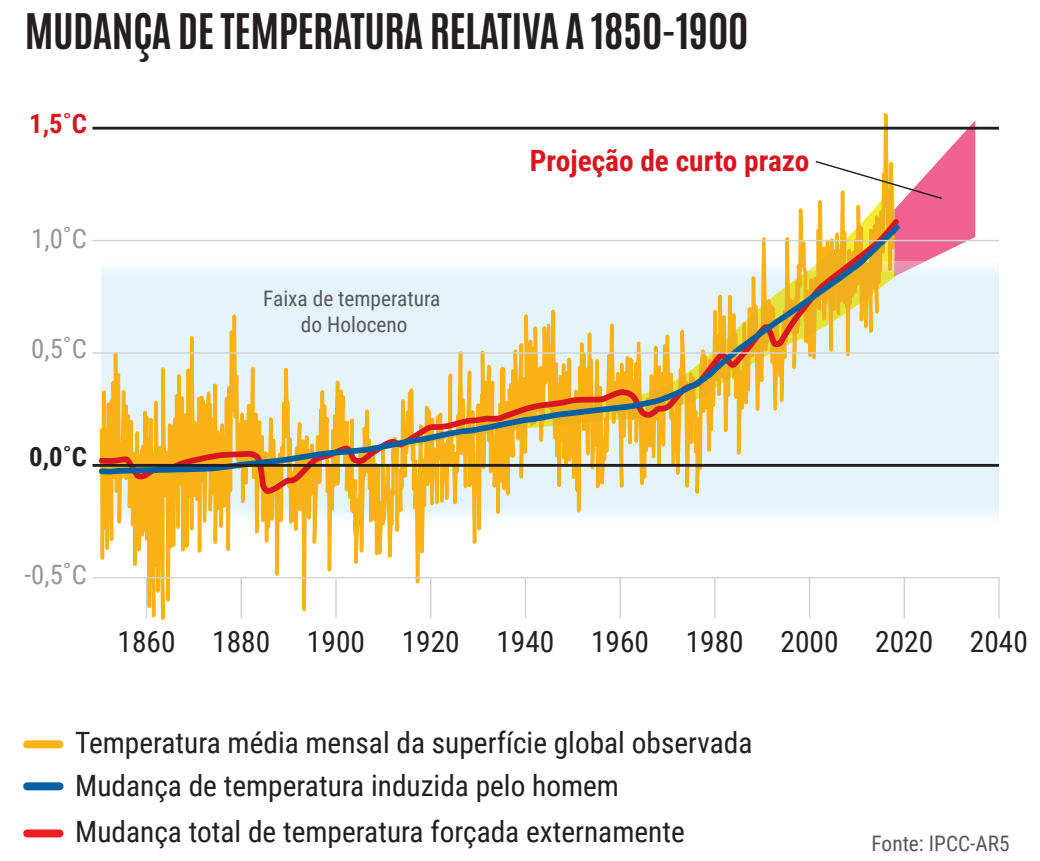
Ainda que as mudanças climáticas sejam uma realidade global, suas consequências impactam a população de forma desigual. As soluções precisam ser elaboradas junto com as pessoas mais impactadas



**A AMAZÔNIA ESTÁ SECANDO**  
As mudanças climáticas têm afetado o regime das águas na Amazônia. Desde o final da década de 90, eventos de seca extrema vêm se intensificando, tornando-se mais comuns e graves na região.



**TEMPERATURA GLOBAL NÃO PARA DE SUBIR**  
Há pouco mais de 100 anos, a atividade humana, com a queima de combustíveis fósseis, vem aumentando a temperatura da Terra e, em 2024, atingimos a maior temperatura já registrada.



### Desmatamento

Na Amazônia, a abertura de áreas de exploração e a construção de infraestrutura associada, como estradas, oleodutos e gasodutos, desmatam trechos de floresta e estimulam a devastação de outras áreas, por facilitarem o acesso a regiões antes sem estrutura.

### Poluição

Vazamentos de petróleo durante a exploração e seu transporte contaminam a água e o solo, e a queima do gás na exploração polui o ar localmente, além de agravar as mudanças climáticas.

### Conflitos

Muitos países permitem a exploração de petróleo em territórios indígenas desde que haja Consulta Prévia, Livre e Informada, mas isso nem sempre ocorre. Em vários casos, comunidades inteiras têm seu modo de vida impactado, tanto pela atividade como por acidentes na exploração, sem nunca serem indenizadas pelos danos. Tais situações geram profundo sofrimento às comunidades, que seguem resistindo a esse sistema exploratório.

### Danos à biodiversidade

As operações petrolíferas causam grandes impactos à fauna e à flora. Há desde mudanças de comportamento em aves e animais aquáticos, causados por ruído de máquinas e movimentação intensa de navios e veículos pesados, até a contaminação direta de animais e plantas por vazamentos de óleo, que podem levar à morte.

### Segurança alimentar e econômica

Vazamentos de petróleo podem contaminar rios, lagos e mares, afetando a segurança alimentar de comunidades ribeirinhas e costeiras que dependem da pesca e do turismo. A contaminação da água e do solo também pode inviabilizar a produção agrícola.

### Danos à saúde

A queima do gás excedente da exploração de petróleo afeta a saúde de cerca de 1,2 milhão de amazônidas que vivem a até cinco quilômetros das chaminés, especialmente na Bolívia, no Equador e na Venezuela. Além disso, a contaminação da água, do solo e dos alimentos compromete a saúde humana. E há ainda os impactos provocados pelas mudanças climáticas, que custam milhares de vidas todos os anos.

### Mudanças climáticas

A principal fonte de emissões de gases do efeito estufa (GEE), que provocam as mudanças climáticas, é a queima de combustíveis fósseis, com cerca de 80% das emissões totais. O processo de exploração de petróleo e gás gera, ainda, grande volume de metano (CH<sub>4</sub>), que tem capacidade de aquecimento 20 vezes maior que o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>).

## AMAZÔNIA É FUTURO, PETRÓLEO É PASSADO

O mundo está à beira de um colapso climático, que só poderá ser detido se a Humanidade abandonar os combustíveis fósseis e fazer uma transição energética justa.

A Floresta Amazônica, uma das regiões mais biodiversas do planeta, com papel vital para o equilíbrio ecológico e climático do mundo, enfrenta secas severas e inundações anormais. São eventos climáticos extremos provocados pela crise climática global, cuja principal responsável é a indústria de petróleo e gás fóssil. Mas nem mesmo a Amazônia está livre da obsessão da indústria fóssil por mais áreas de exploração. Somente entre 2012 e 2020, houve um aumento de 13% no número de campos de exploração e extração de combustíveis fósseis na região. A exploração está presente em oito dos nove países que abrigam a floresta.

As petrolíferas estatais que atuam na Amazônia – Petrobras, PetroPeru, Petroecuador, Ecopetrol, PDVSA e YPFB – têm um histórico alarmante de desrespeito aos Direitos Humanos, apesar da obrigação legal de cumprir normas ambientais e respeitar os Direitos Indígenas. Não é diferente com as empresas privadas, que exploram o território com base em regulamentações frágeis, causam danos ambientais irreparáveis e deixam comunidades e ecossistemas vulneráveis, sem possibilidade real de reparação após o fim de suas operações.

Os Povos Originários da Amazônia, com apoio da comunidade científica e da sociedade civil, vêm resistindo contra o avanço deste modelo predatório e danoso. É preciso escolher: Amazônia ou Petróleo.

**Para preservar a Amazônia, não basta zerar o desmatamento. É preciso banir os combustíveis fósseis.**

Zerar o desmatamento da Amazônia é fundamental. Mas não é o suficiente para salvar a maior floresta tropical do planeta. Isso porque as mudanças do clima ameaçam sua biodiversidade e capacidade de se regenerar, o que empurra a Amazônia para um ponto de não retorno, quando a floresta deixará de existir como conhecemos.

No Brasil, o desmatamento é a principal fonte de emissão de gases do efeito estufa (GEE), com 46% do total emitido pelo país (SEEG 2024). Entretanto, considerando as emissões de todos os países, a queima de combustíveis fósseis, como petróleo, carvão e gás fóssil,

é responsável por cerca de 80% das emissões globais de GEE. Ou seja: para frear as mudanças climáticas, precisamos abandonar os fósseis.

Os efeitos das mudanças climáticas já estão impactando fortemente o ambiente amazônico. Em 2023 e 2024, a Amazônia sofreu duas secas históricas consecutivas, com um episódio de enchente severa. Extremos que estão se tornando cada vez mais comuns e intensos. Além disso, as mudanças do clima também deixam a floresta mais suscetível a incêndios.

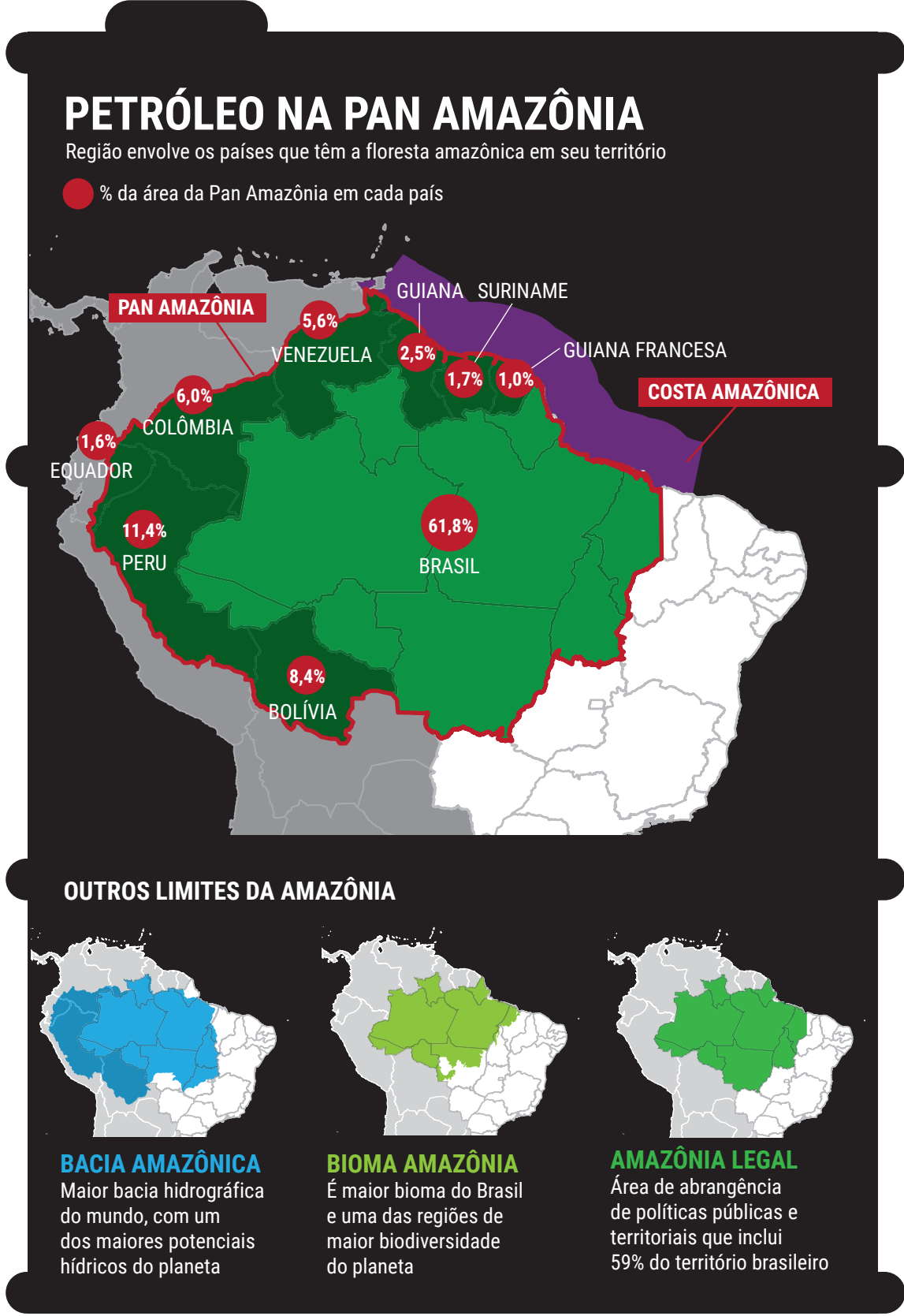
As operações da indústria de petróleo e gás ainda acumulam graves violações de Direitos Humanos na região, com um histórico de acidentes com impactos socioambientais recorrentes e devastadores. A Amazônia está repleta de projetos baseados em um modelo de desenvolvimento fracassado, que prometeu geração de emprego, riqueza e desenvolvimento, mas entregou apenas concentração de renda e degradação ambiental.

A emergência climática exige estabelecer zonas prioritárias de exclusão da proliferação dos combustíveis fósseis, protegendo ecossistemas críticos para a vida. Por sua enorme importância para o clima, para a biodiversidade e para as pessoas, a Amazônia deve ser uma dessas zonas livres de petróleo.

### Indústria em colapso

A indústria de petróleo e gás e os governos vendem a ideia de que os combustíveis fósseis geram “riqueza”. Mas a realidade é outra. Enquanto poucos lucram muito, a maioria da população arca com prejuízos sociais e ambientais. Com a tendência já apontada pela Agência Internacional de Energia (IEA), de que a demanda por petróleo entrará em queda a partir de 2030, investir em novas frentes de exploração, como alguns países querem fazer na Amazônia, será prejuízo até mesmo para quem até agora ganhou muito com a atividade: as petrolíferas e seus acionistas.

**NO MUNDO**  
**80%**  
das emissões de gases do efeito estufa (GEE) vêm da queima de combustíveis fósseis, como petróleo e carvão



Hoje já existe abandono e colapso de infraestruturas de petróleo na Floresta Amazônica. As taxas de produção na Bolívia, Peru, Equador e Colômbia estão caindo em velocidade sem precedentes. A medida que a indústria encolhe, suas capacidades financeiras e contribuições para os Tesouros Nacionais diminuem. Ações de manutenção, reparo e fechamento correto de poços não estão acontecendo como deveriam. Isso gera impactos sociais, ambientais e econômicos: no Peru, entre 1997 e 2023, foram registrados 831 derramamentos de óleo. No Equador, entre 2012 e 2022, ocorreram 1.584 derramamentos de óleo.

Os governos nacionais da Amazônia não estão planejando o fim gradual dos combustíveis fósseis, o que beneficia empresas estatais e privadas. Em muitos casos, esses governos não tiveram poder ou vontade para responsabilizá-las por seus estragos

No Brasil, a abertura de uma nova fronteira de exploração de petróleo na Foz do Amazonas é defendida pelo governo sob o argumento de que sua exploração permitiria ao país financiar a transição energética. Mas, na prática, de 2018 até o início de 2025, o Fundo Social, alimentado por dinheiro do petróleo e gás, destinou apenas 0,06% (Climafno) de seu orçamento para projetos ligados à transição energética.

Devemos superar a dependência do petróleo e iniciar uma revolução energética. Só assim poderemos deter o avanço das mudanças climáticas e o colapso da economia global.

**PETRÓLEO E GÁS DEVORAM A FLORESTA E SEUS POVOS**

**A exploração de petróleo na Amazônia se sobrepõe a**

**441**  
Terras Ancestrais

**61**  
Unidades de Conservação

Fonte: InfoAmazônia/Arayara

## PETRÓLEO NA AMAZÔNIA, NÃO!

Por toda a Amazônia, Povos Indígenas e populações que tradicionalmente habitam a floresta vêm resistindo ao avanço da exploração de combustíveis fósseis e lutando pela proteção de seu modo de vida.

### EQUADOR

**Yasuní**  
O Parque Nacional Yasuní, no Equador, guarda uma enorme biodiversidade e é território ancestral para os indígenas Waorani, de recente contato, e de Povos Indígenas em isolamento, os Tagaeri e os Taromenane.

Em 1992, a Texaco obteve uma licença de exploração do Bloco 16, dentro do parque. Pouco depois, chegou a Repsol. Segundo os Waorani, a exploração de petróleo causou poluição, doenças, divisão comunitária, perda de autonomia e pobreza estrutural. Por isso, quando em 2013 o Equador abriu caminho para mais exploração na região, com o Bloco 43 – ITT, as comunidades e movimentos sociais se uniram para resistir ao projeto.

Com a Nacionalidade Waorani do Equador (NAWE) como a mais alta e legítima representação política de seu Povo, os indígenas lideraram a defesa territorial, com ações como a campanha do “Sim” na Consulta Popular Yasuní de 2023. E 58,95% do povo do Equador votou para manter o bloco 43 fechado! Em 2024, os Waorani declararam Estado de Emergência Territorial, para denunciar a demora do Estado em obedecer o plebiscito.

### BRASIL

**Bloco 59**  
O bloco FZA-M-59 está localizado na Bacia da Foz do Amazonas, próximo à costa do Amapá. Arrematado pela Petrobras em 2013, o bloco se sobrepõe a uma região ambientalmente sensível e socioculturalmente diversa, próxima à Amazônia Azul e à foz do rio Amazonas. A área é lar de Comunidades Tradicionais e Povos Indígenas, como os quilombolas do Cunani e os Povos Indígenas do Oiapoque.

Desde o anúncio da Petrobras de perfurar um poço no bloco, organizações indígenas, ambientalistas, cientistas e movimentos sociais se mobilizaram contra o projeto. O IBAMA rejeitou mais de uma vez a licença, apontando falhas no estudo de impacto, riscos à biodiversidade e ausência de medidas eficazes para conter acidentes.

Apesar disso, o governo brasileiro e representantes políticos do Amapá pressionam pela autorização. Em 2 de junho, mais de 60 caciques do Oiapoque divulgaram carta de repúdio ao presidente Lula, acusando o governo de desinformação e de ameaçar a sobrevivência de seus Povos.

### PERU

**Bloco 64**  
A exploração petrolífera no bloco 64 ocorre na província de Datem del Marañón, sobre territórios ancestrais das nações indígenas Achuar, Wampis e Chapra. Criado em 1995 sem Consulta Livre, Prévia e Informada (CLPI), o bloco viola a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Diversas empresas tentaram operar ali – como Oxy (EUA), Talisman (Canadá), GeoPark (Chile) e a estatal PetroPeru –, mas todas enfrentaram forte resistência.

As três nações desenvolveram formas próprias de autogoverno e denunciam continuamente riscos graves, como contaminação de água e perda de biodiversidade, temendo repetir os impactos do vizinho bloco 192, onde um derramamento de 6 mil barris de petróleo causou danos irreparáveis à saúde das pessoas e ao meio ambiente. Desde 1995, mantêm resistência ativa, que levou à saída de várias empresas e, em 2022, apresentaram uma denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos por ausência de CLPI. Em 2023, uniram-se a outras nações amazônicas e comunidades costeiras na coalizão MarAmazonia, exigindo a anulação do bloco e reparações históricas pelos danos causados.

### COLÔMBIA

**Bloco PUT-1**  
O Bloco PUT-1 está localizado no departamento de Putumayo sobre sete territórios ancestrais do Povo Inga. Concedido em 2008 pela Agência Nacional de Hidrocarburos (ANH), a oferta não reconheceu a presença indígena na área, violando o direito à Consulta Livre, Prévia e Informada (CLPI, garantido pela Convenção 169 da OIT.

A empresa Gran Tierra Energy (Canadá) é responsável pelo projeto desde sua criação. Mesmo com evidências de sobreposição com territórios Inga, obteve licença ambiental em 2014, após o Estado negar a existência das comunidades. Em 2015, o Povo Inga conseguiu suspender o projeto por uma ação judicial, mas o governo colombiano só reconheceu oficialmente um dos territórios afetados até 2021, mantendo o conflito aberto.

A resistência é organizada pela ACIMVIP, que denuncia a omissão institucional e defende os direitos territoriais do povo. As comunidades alertam para impactos ambientais, espirituais e à saúde, exigindo o respeito ao “Suma Kausai” – o bem viver em seu território.

**QUEM APOIA ESSA INICIATIVA:**

**AMAZÔNIA LIVRE DE PETRÓLEO & GÁS**





\*\*\*\*\*

# EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA AMAZÔNIA

Quase todos os países que compõem a Bacia Amazônica possuem exploração de petróleo em seus territórios marítimos e terrestres, em diferentes estágios de execução. A região precisa se tornar uma área livre de petróleo e gás.



## OS TIPO DE BLOCOS

Um bloco petrolífero, ou bloco de petróleo, é uma área delimitada em uma bacia sedimentar onde são realizadas atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural. Esses blocos são definidos e concedidos por órgãos governamentais responsáveis pelo setor de energia de cada país, com o objetivo de prospectar e explorar potenciais reservas de hidrocarbonetos.

### Blocos de Estudo

Áreas delimitadas para petróleo e gás fóssil que ainda estão em análise. Nessa fase, são feitos estudos geológicos, sísmicos e ambientais para avaliar o potencial das reservas antes de uma possível oferta.

### Blocos de Oferta

Áreas delimitadas para empresas interessadas em obter concessões, com as quais adquirem o direito de realizar estudos para explorar o potencial de recursos.

### Blocos de Exploração

É a etapa inicial após a concessão de um bloco de petróleo e/ou gás fóssil a uma empresa ou consórcio. Nessa fase, são realizados estudos para identificar reservas viáveis para extração, como levantamento sísmico e perfuração de poços exploratórios. Diferente da fase de produção, ainda não há extração contínua de petróleo ou gás para comercialização.

### Blocos de Produção

Áreas onde ocorre o processo de retirada do óleo ou gás do subsolo para uso comercial. No Brasil, os blocos de produção são chamados de "campos".

\*\*\*\*\*

## EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO NA AMÉRICA DO SUL

Há mais de 50 anos, empresas de todo o mundo exploram poços de petróleo na região Amazônica e em sua costa, com grandes lucros para investidores e poucos benefícios para a população local.

### BRASIL

Apenas uma fração pequena do petróleo produzido no Brasil vem da Amazônia. A região começou a ser explorada na década de 80, na província de Urucu, em Coari, no Amazonas, onde há produção de petróleo e gás. O futuro e a riqueza que invariavelmente são prometidos por empresas e governos às populações atingidas, porém, nunca chegaram.

Existem 472 blocos na Amazônia brasileira, dos quais 68 em exploração e 27 em produção, sendo muitos deles operados pela Petrobras, a estatal nacional. Agora, o Brasil busca expandir a exploração para a costa amazônica, começando pelo bloco FZA-M-59, na Foz do Amazonas, no litoral do Amapá. A análise técnica do IBAMA, órgão federal responsável pelo licenciamento, já negou a autorização para a Petrobras por três vezes. Apesar disso, membros do governo, a petroleira e mesmo o presidente do Brasil pressionam politicamente o órgão ambiental pela licença.

O litoral amazônico, do Amapá ao Maranhão, concentra a segunda maior porção de manguezais do planeta. Essa vegetação é responsável por estocar quase 1,5 bilhão de toneladas de carbono, que representa 75% de todo o carbono azul (capturado pela vegetação de ambientes costeiros e marinhos) estocado em manguezais brasileiros. A região também é lar de um grande e biodiverso sistema recifal. Entre os potenciais impactos no caso de acidentes destacam-se: degradação de habitats, contaminação de água e solo, alteração no comportamento de animais marinhos, impactos na biodiversidade e redução dos estoques pesqueiros, entre outros.

### GUIANA

Em 2015, a estadunidense ExxonMobil anunciou descobertas de grandes reservas de combustíveis fósseis no litoral guianense, o que reanimou o interesse da indústria petroleira em toda a Amazônia.

O acordo entre a ExxonMobil e o governo do país mostra como as grandes petroleiras globais operam em países em desenvolvimento. **A companhia fica com 85,5% das receitas, enquanto o governo tem direito a apenas 14,5%.** E apesar da margem de lucro imensa, as petroleiras estrangeiras não pagam imposto.

Em 2023, a Guiana promoveu outra oferta de áreas para exploração de petróleo e gás, onde foram arrematados oito blocos em águas rasas e profundas do país. Além da ExxonMobil, outras grandes petroleiras globais como a francesa TotalEnergies, a catari Qatar Energy e a chinesa CNOOC, arremataram áreas.

### SURINAME

As descobertas na vizinha Guiana motivaram o governo do Suriname a correr atrás da exploração de petróleo em uma área do litoral contígua ao bloco Stabroek, da Guiana. Houve uma série de descobertas no Bloco 58, e o banco Morgan Stanley estimou que a área contém 6,5 bilhões de barris de petróleo.

Quando a francesa TotalEnergies e a estadunidense Apache anunciaram descobertas na área, a partir de 2020, parecia uma repetição do sucesso exploratório da Exxon no mar guianense. Entretanto, as empresas consideraram os resultados decepcionantes, e o início da produção de petróleo no país vem sendo adiado.

Mesmo assim, o governo do Suriname promoveu um leilão de blocos marítimos para exploração de petróleo e gás entre 2023 e 2024.

### EQUADOR

O Equador é o maior produtor de petróleo bruto na Amazônia. Mais da metade da floresta equatoriana está dividida em concessões petrolíferas e **sofre os efeitos de mais de 50 anos de exploração, com um legado de poluição, violações de direitos e crises de saúde.** Sem falar na ausência de indenizações pelos estragos.

O país registra dois derramamentos de óleo por semana, em média. Os dois oleodutos que atravessam o Equador e transportam cerca de 500 mil barris por dia de petróleo bruto da Amazônia para os Andes e a costa do Pacífico para exportação sofreram alguns dos piores derramamentos de óleo das últimas décadas. Um deles despejou mais de 20 mil barris de petróleo no rio Coca, um afluente do Amazonas.

Em agosto de 2023, o Equador fez um referendo inédito e com resultado histórico, abolindo um dos maiores projetos exploratórios de petróleo do país: o ITT, localizado no Parque Nacional Yasuni - reserva da biosfera reconhecida pela UNESCO e que abriga Povos Indígenas em isolamento. Dois anos depois, porém, o governo do Equador e a Petroecuador não haviam cumprido a decisão.

### VENEZUELA

A Venezuela já foi o país com a maior produção de petróleo da América do Sul e um dos maiores produtores do planeta. Entretanto, devido à crise política e social vivida pelo país nos últimos anos, que resultou em embargos comerciais a seus combustíveis fósseis, a indústria petrolífera venezuelana declinou.

Ainda assim, sua produção continua considerável, e uma grande ameaça é o sucateamento da estrutura de combustíveis fósseis do país. Um relatório interno de 2023 da PDVSA, petroleira estatal venezuelana, mostrou que **mais da metade de sua frota de 22 petroleiros virou latas velhas e deveria ser reparada imediatamente ou retirada de circulação.**

Outro relatório, do Observatório de Ecologia Política da Venezuela, reporta pelo menos 86 incidentes com petróleo em 2022. Segundo o estudo, os derramamentos são resultado de oleodutos e contêineres de armazenamento que raramente recebem verificações ou reparos.

### PERU

A Amazônia ocupa 60% do território peruano, e 30% do território amazônico do país registra sobreposição de lotes petrolíferos. **A indústria de combustíveis fósseis já deixou mais de 3 mil passivos ambientais no território peruano, que ainda sofre com constantes derramamentos de óleo** - entre 1997 e 2023 foram registrados 831 na Amazônia, sendo mais de 70% deles com responsabilidade direta das empresas.

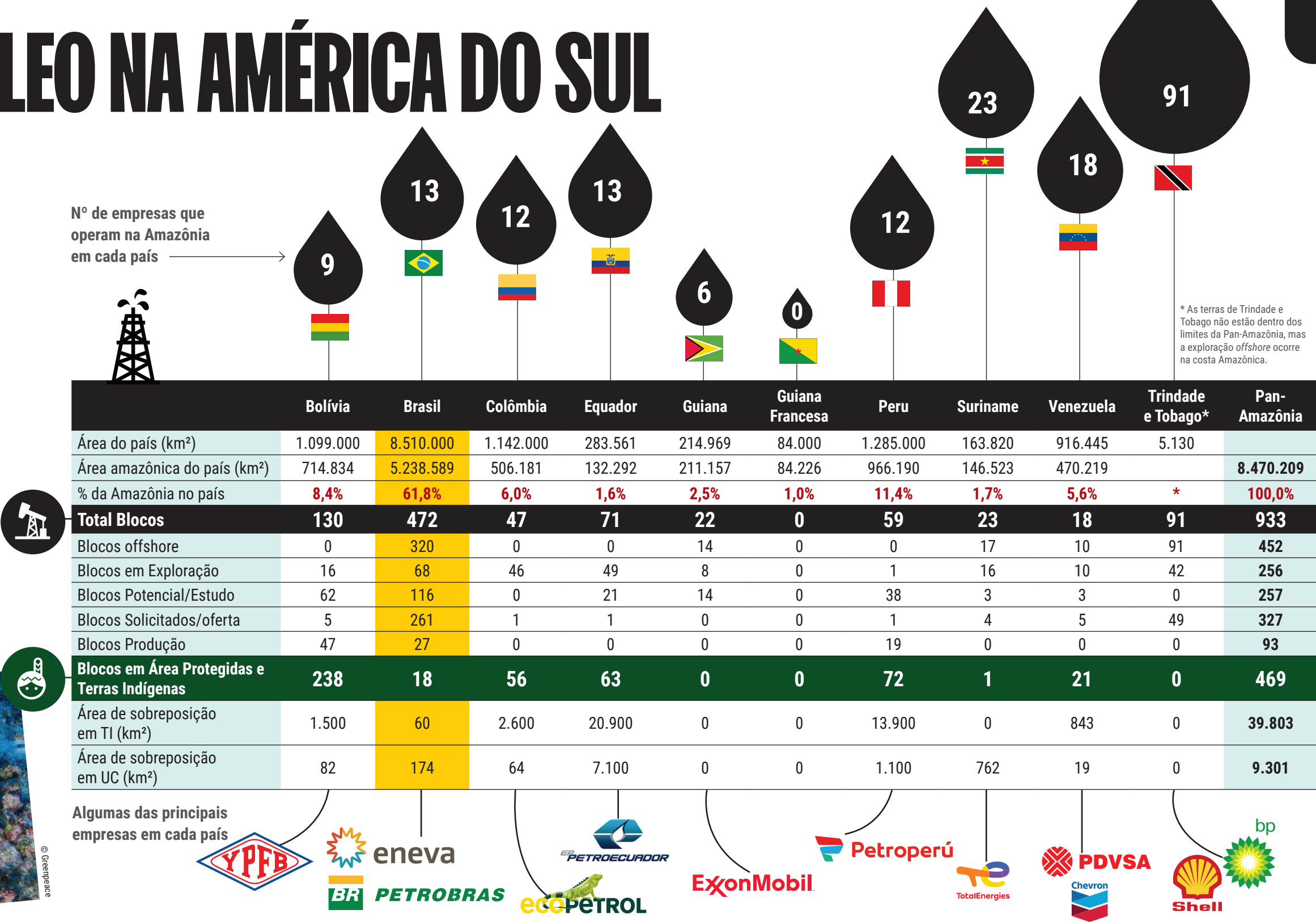
Atualmente, o Peru possui 13 blocos em operação ou sob contrato, sendo 12 em produção e um em exploração.

A PetroPeru, estatal responsável pelas licitações petrolíferas, iniciou a promoção internacional de 31 áreas com potencial de hidrocarbonetos, sendo 25 delas em território amazônico. As áreas afetam 435 comunidades indígenas e duas reservas de Povos Indígenas em isolamento. A oferta está sendo feita sem iniciar os processos de remediação.

### COLÔMBIA

De acordo com relatórios da Agência Nacional de Hidrocarburos (ANH), há na Colômbia 52 contratos ou blocos de hidrocarbonetos - 39 em exploração, 12 em produção e 1 em avaliação técnica, operados por 10 companhias estrangeiras (2021). **Alguns desses projetos se sobrepõem a Terras Indígenas**, e 27,2% da região amazônica colombiana estão relacionados a combustíveis fósseis.

Em artigo publicado no Miami Herald em 2023, o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, convocou chefes de Estado de todo o mundo para se engajarem na tarefa de superar a dependência dos combustíveis fósseis. "Acabar com o desmatamento na Amazônia é fundamental. No entanto, apenas combater o desmatamento ficará muito aquém do necessário. Mesmo que controlemos o desmatamento, a Amazônia enfrentará ameaças terríveis se o aquecimento global chegar a 1,5°C. Para evitar o ponto de não retorno, precisamos de uma política transnacional ambiciosa para eliminar progressivamente os combustíveis fósseis", afirmou Petro.



\*\*\*\*\*

## AMAZÔNIA LIVRE DE PETRÓLEO & GÁS

\*\*\*\*\*

## PRECISAMOS DE UM ACORDO GLOBAL PARA ELIMINAÇÃO GRADUAL DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS.

Como um primeiro passo nessa direção, novos blocos não devem ser ofertados e as petroleiras não podem abrir nenhum novo poço de petróleo e gás. **E isso deve começar pela Amazônia, uma área crítica para a biodiversidade e o clima global.**

\*\*\*\*\*

## OS PAÍSES PAN-AMAZÔNICOS DEVEM:

- Definir uma data para o fim da produção dos combustíveis fósseis no bioma.
- Parar de ofertar novos blocos à exploração de petróleo e gás, convencional (fracking), na região, incluindo a costa.
- Parar de subsidiar a exploração e a produção desses combustíveis.
- Redirecionar os subsídios hoje dados aos combustíveis fósseis para o fomento da produção sustentável de produtos da floresta e da costa amazônica a partir das energias renováveis, em especial de forma descentralizada.
- Iniciar um plano de fechamento, reparação e recuperação das áreas de exploração existentes, com participação das populações afetadas, respeitando sua autonomia e autodeterminação.
- Criar e efetivar mecanismos de compensação para a população historicamente afetada por esta indústria.
- Iniciar a transição para um novo modelo energético.
- Exigir que bancos privados e instituições multilaterais deixem de financiar projetos de extração de combustíveis fósseis na Amazônia.

### Histórico de acidentes na exploração de petróleo e gás

| 2011                         | 2013                        | 2022                      |
|------------------------------|-----------------------------|---------------------------|
| Petrobras Brasil             | Petroecuador Equador e Peru | PetroPeru Peru            |
| Acidente com sonda           | Ruptura de oleoduto         | Vazamento de oleoduto     |
| Vazamento de óleo hidráulico | Vazamento de 6.800 barris   | Vazamento de 2.500 barris |



| 2024                  | 2025                        |
|-----------------------|-----------------------------|
| Petroecuador Equador  | Petroecuador Equador        |
| Ruptura de tubulação  | Vazamento de oleoduto       |
| Vazamento de petróleo | Vazamento de 200 mil barris |